

ARTE E CULTURA ONLINE

Tema: Temas de Sociedade e Cultura Portuguesa

Autor: Gabriel Domingos

Data: 23 de Dezembro de 2013



*Um crítico é um leitor que ruma
Friedrich Schlegel¹*

ARTIGO

ANÁLISE DE DISCURSO PROFERIDO NO DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES E DAS COMUNIDADES, EM 1979
POR VITORINO M. GODINHO

Resumo:

Tomando por base o Tema dos Estudos em Cultura Portuguesa propõe-se neste artigo uma análise ao Discurso proferido no dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, em 1979, por Vitorino M. Godinho, identificando e caracterizando o problema levantado pelo autor.

Palavras-chave: Cultura Portuguesa, Vitorino M. Godinho.



Nota do autor:

Estando em Desacordo com o Acordo Ortográfico de 1990 os artigos são escritos de acordo a não contribuir para a destruição dos vestígios do nosso património cultural e no conseqüente afastamento ante as línguas que preservaram as raízes etimológicas, como acto de resistência da inteligência sobre a ignorância.

“Portugal, portanto, tem de ser projecto. Não como outrora, projecto e mérito de cruzada, de libertar os lugares santos ou de espalhar a cristandade, mas de realizar, aqui, uma Pátria que sirva a todos os portugueses. Para isso, temos de fazer um Portugal limpo e honrado... Portugal tem de ser moderno e estar ao nível do resto do Mundo porque disso somos capazes. E aqueles que querem que fiquemos sempre para trás dos outros, esses estão a atraiçoar os destinos colectivos. Precisamos de desenvolver a investigação científica, porque é das técnicas, é a partir delas que conseguiremos fazer um Portugal diferente. Uma indústria que possa competir no mundo de hoje. Uma agricultura moderna. [...] Portugal tem de ser obra de todos os portugueses, dos cidadãos comuns que não devem amedrontar-se com etiquetas nem com formalismos, porque Portugal pertence-nos, a todos nós, e para isso é indispensável que saibamos, antes do mais, conviver uns com os outros. A consciência nacional apela não para uma unidade em que todos pensem o mesmo, mas em que saibam, nas diferenças de opinião, dialogar, e não, apenas, cada um para seu canto, monologar e gritar. Neste dia, a profundidade dos séculos, as raízes do que fomos, não podem passar sem um apelo à consciência nacional para que se estabeleça esse convívio, para que se estabeleça essa possibilidade de todos colaborarem, mesmo que tenham opiniões diferentes, sabendo encontrar um terreno de entendimento pela discussão franca, leal, que pode ser rude mas será sempre verdadeira. Nós não seremos uma nação apenas por estarmos juntos, como dizia Ortega e Gasset, seremos uma nação por querermos juntos construir alguma coisa. E se a queremos construir temos de estar certos de que somos capazes de o fazer.”

Vitorino M. Godinho, *Intervenção proferida no dia de Portugal, de Camões e das Comunidades* (1979).

Na análise do Discurso em questão identificamos que o problema levantado pelo autor prende-se com algumas das causas do nosso atraso (principalmente enquanto Nação) que vêm de há vários séculos atrás, havendo pontos comuns a várias gerações como por exemplo: Uma fraca Consciência Nacional (Identidade) para um objectivo comum, apelando-se assim “(...) à unidade do sentimento lusíada (...)”ⁱⁱ; Desigualdades e Assimetrias; Fraqueza (pouca consolidação) das Instituições do País; Carências de base e a sua incapacidade de modernização (constantemente adiada) económica e tecnológica do País, para nos equiparmos e acompanharmos outras nações; Não sabermos mudar a sociedade, de raiz, protelando a resolução dos problemas estruturais; Reforma de mentalidades; Desejo de europeização¹ e ‘actualização’ cultural, face à Europa. A crença na capacidade dos portugueses para um projecto comum e sua mobilização, mudarão este ciclo.

O sentido deste excerto «Portugal, portanto, tem de ser projecto. Não como outrora, projecto e mérito de cruzada, de libertar os lugares santos ou de espalhar a cristandade, mas de realizar, aqui, uma Pátria que sirva a todos os portugueses» é o de se propor um projecto colectivo contemporâneo², como contraproposta a Projectos alicerçados nas expansões passadas, na evangelização, conquistas, não aplicáveis aos tempos actuais, mas tendo uma certa matriz³ comum, possível de se transpor, que é o de fazer cumprir o destino histórico da identidade cultural colectiva, pois “Uma Nação existe como uma totalidade cultural (...)”ⁱⁱⁱ. Todos os que nela habitem têm de senti-la, de se identificar com o que lhes é comum, o Sentimento de Pátria, que é “(...) um vínculo existencial, uma maneira de nos situarmos, uma condição simultaneamente de sobrevivência e de dar um sentido (...)”^{iv} à nossa vida. Somos todos relevantes nisso, pois para Eduardo Lourenço “Os cidadãos de um país são os depositários da soberania, esta depende de cada um de nós e não passa por uma classe política privilegiada”^v.

¹ Outros movimentos de Reforma de Mentalidades, com o da Geração de 70 ou o de Orpheu, defendem isto como forma de reacção à mediocridade e provincianismo do nosso meio cultural nacional. A Europa sempre foi considerada para nós como um espaço culturalmente avançado, que contrasta vivamente com o atavismo e provincianismo da sociedade portuguesa e relativamente ao qual se impõem estratégias de aproximação.

² Este discurso, escrito em 1979, tem o seu enquadramento no rescaldo do pós-25 de Abril e, o ainda PREC a decorrer, com o que isso implica na Mentalidade daquele segmento temporal da nossa História Contemporânea.

³ A memória colectiva consolida a essência de uma comunidade. O culto da mesma, é o perpetuar da comunidade, onde “(...) procuramos reconstruir um passado através do que nele se projecta do nosso presente” (Godinho, V. M, 1979: p. 50), isto é, usamos como referência coisas do passado, que sejam aplicáveis e úteis, à nossa identidade no presente.

Em suma, na sequência da dialéctica da construção histórica da Nação Portuguesa o autor propõe-nos um projecto de colectivo, contemporâneo, para Portugal enquanto País, enquanto Nação, que sirva o propósito comum de todos os Portugueses que nele habitem. O autor propõe como solução os caminhos da modernização científica, tecnológica, agrícola e industrial, para estarmos ao mesmo nível do seu bem-estar colectivo de outras nações, colmatando assim as nossas carências de base. Mas para esse sucesso, para o autor, os Portugueses têm de saber na sua diversidade, e sem receios ou formalismos, coexistir, conviver e dialogar de forma franca e honesta uns com os outros, mobilizando-os para a necessidade de se reconhecerem como Entidade Gregária/Colectiva, *i.e.*, uma **Consciência Nacional** para esse objectivo comum.

A vontade comum de o fazer e crer nessa capacidade faz-nos ser Nação⁴.

⁴ Pois "(...) uma nação, é antes de tudo, o querer dos homens de que ela é composta (...)" (Godinho, V. M, 1979: p. 78), onde só "Seremos uma nação por querermos juntos construir alguma coisa. E se a queremos construir, temos de estar certos de que somos capazes de o fazer" (Idem).

Bibliografia:

- Lourenço, E. (2009). *O Labirinto da Saudade*. 6, Lisboa: Gradiva.
- Lourenço, E. (1994). “Identidade e memória — O caso português” e “Portugal - Identidade e Imagem”, in *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa, INCM, pp. 9-15 e 17-23.
- Dias, J. (1985). *O essencial sobre Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Lisboa, IN-CM.
- Namora, F. (1983). “A pretexto de Camões” - *Intervenção proferida no dia de Portugal, de Camões e das Comunidades* (1978), in *Camões e a Identidade Nacional*, Lisboa, IN-CM, pp. 43-61.
- Godinho, V. M. (1983), *Intervenção proferida no dia de Portugal, de Camões e das Comunidades* (1979), in *Camões e a Identidade Nacional*, Lisboa, IN-CM, pp. 67-78.

Webgrafia utilizada

- http://economico.sapo.pt/noticias/oliveira-martins-diz-que-soberania-e-valor-insubstituivel_183890.html (consultado a 21-12-2013)

Notas de fim

ⁱ SCHLEGEL, Friedrich (1994). *Conversa sobre Poesia e outros Fragmentos*. Tradução, prefácio e notas de Victor-Pierre Stirnimann. São Paulo: Iluminuras, p. 83.

ⁱⁱ Cit. In Namora e V. M. Godinho (1979: pág. 61)

ⁱⁱⁱ Idem (1979: pág. 60)

^{iv} Ibidem (pág. 44).

^v Cit. in Eduardo Lourenço: http://economico.sapo.pt/noticias/oliveira-martins-diz-que-soberania-e-valor-insubstituivel_183890.html (consultado a 22-12-2013)